



OS IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS E O MODO ENUNCIATIVO NOS DIÁLOGOS DE UMA MULHER NO TINDER

Reynaldo de Azevedo Gosmão¹
Luana Cristina de Oliveira Santos²
Luciana Soares da Silva³

RESUMO:

O presente artigo fundamenta-se na Análise do Discurso, na perspectiva de Patrick Charaudeau, tendo como objetivo principal analisar como a representação social da mulher é revelada no aplicativo de relacionamento *Tinder*, a partir das categorias de modo enunciativo e de imaginários sociodiscursivos. Para a análise, constituímos o corpus com o texto *Experiência de uma mulher com filho separada no Tinder*, de Marcelo Rubens Paiva. Verificamos que, no aplicativo *Tinder*, as mulheres são representadas por estereótipos constituintes do nosso imaginário sociodiscursivo, de modo a colocar em conflito seu papel como mãe e como mulher perante relacionamentos afetivos.

PALAVRAS-CHAVE:

Imaginário sociodiscursivo;
Tinder;
Produção discursiva;
Estereótipo;
Mulher.

Os autores:

¹ Mestrando em Letras pela Universidade Federal de Lavras (UFLA). Graduado em Psicologia (UNILAVRAS). E-mail: razevedomg@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0210-7309>

² Mestranda em Letras pela Universidade Federal de Lavras (UFLA). Graduada em Letras com dupla habilitação em Português/ Inglês e suas respectivas literaturas pela mesma universidade. E-mail: luanna-oliveira@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3861>

³ Professora Adjunta da Universidade Federal de Lavras (UFLA). Doutora em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: luciana.silva@ufla.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5145-8503>

1 Introdução

Os relacionamentos afetivos na contemporaneidade têm sofrido um breve deslocamento na sua configuração. Se até pouco tempo os encontros com fins afetivos eram prioritariamente presenciais, hoje esse contato é mediado pela tecnologia. Por meio de aplicativos de relacionamentos, os indivíduos têm buscado parceiros e/ou parceiras para um relacionamento afetivo e/ou sexual. Nesse contexto, o aplicativo Tinder chama-nos atenção pela sua atual popularidade e pelo questionamento de como são representados discursivamente os sujeitos nesses relacionamentos virtuais, de modo particular, a mulher.

Essa questão ganha força ao lermos o texto *Experiência de uma mulher com filho separada no Tinder*, de Marcelo Rubens Paiva, no Jornal *O Estado de S. Paulo*. Na publicação, são apresentados trechos de diálogos de uma mulher no aplicativo de relacionamento nomeado como Tinder, em que se destacam o fato de ela ser mãe e ser solteira, trazendo à tona estereótipos e preconceitos em relação à mulher. Por essa razão, estabelecemos como objetivo deste artigo verificar como a representação social da mulher é apresentada no aplicativo Tinder.

A nossa opção pelo aporte teórico da Análise do Discurso dá-se pelo fato de que essa perspectiva fundamenta-se no estudo da relação entre linguagem e sociedade, de modo a verificar as relações sociais estabelecidas por meio de sua materialização linguístico-discursiva. Entre os estudiosos dessa perspectiva teórica, Patrick Charaudeau tem se destacado pela sua abordagem semiolinguística do discurso, a qual busca o equilíbrio entre o plano situacional e o linguístico na compreensão das práticas discursivas, a partir da crítica às análises excessivamente pautadas em um desses aspectos.

Dentre os conceitos propostos por Charaudeau (2016; 2017) para a abordagem de estratégias linguístico-discursivas constitutivas do discurso, relevamos o modo enunciativo e os imaginários sociodiscursivos. A primeira categoria diz respeito à relação estabelecida entre os protagonistas da enunciação no espaço do dizer dentro da situação de comunicação; já a segunda refere-se às representações sociais entendidas como fenômeno cognitivo-discursivo geral que forma sistemas de saber, compostos pelos *saberes de conhecimento* e pelos de *crença*.

Assim, para alcançarmos nosso objetivo, apresentamos os estudos de Charaudeau (2009; 2016; 2017); em seguida, discutimos algumas contribuições sobre as questões de gênero e sexualidade; depois constituímos o corpus com o texto de Paiva e procedemos à análise, a partir das categorias discursivas de modo enunciativo e de imaginários sociodiscursivos.

2 O modo de organização enunciativo

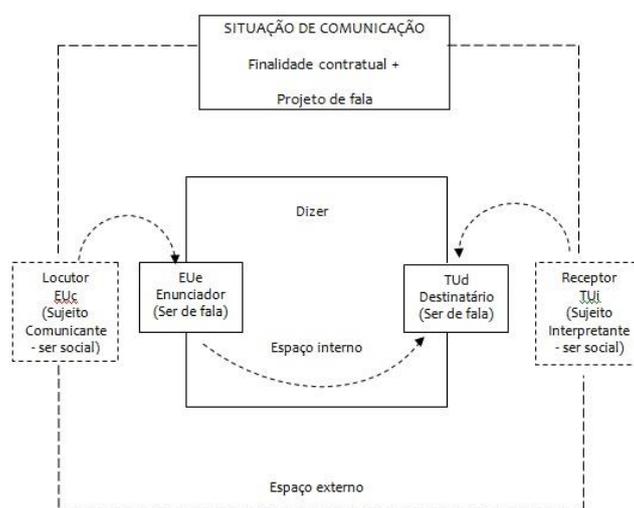
Para abordar as categorias de análise mencionadas, é importante antes evidenciar dois conceitos fundamentais da proposta semiolinguística de Charaudeau: a situação comunicativa e o contrato de comunicação. Segundo o autor, as condições de produção e as condições de recepção-interpretação, nas quais os sujeitos são envolvidos nos atos de linguagem, contribuem para a produção de sentido. Parte dessas condições precisa ser partilhada pelos sujeitos para que haja uma intercompreensão entre os mesmos. Tal parte é, de acordo com o autor, a *situação de comunicação*, definida por ele como o “conjunto de condições situacionais não enunciadas que determinam em parte o sentido do ato de linguagem e que fariam deste um objeto de troca contratual entre as duas partes envolvidas” (CHARAUDEAU, 2010, n.p¹). A situação de comunicação, portanto, é um lugar de restrições à produção e à interpretação de enunciados, o que fornece tanto ao sujeito produtor quanto ao sujeito interpretante instruções de construção/interpretação do sentido. O contrato de comunicação, por sua vez, consiste no conhecimento das restrições e das condições em que é colocada a troca linguageira. Tal como afirma Charaudeau (2016, p. 56): “A noção de contrato pressupõe que os indivíduos pertencentes a um mesmo corpo de práticas sociais estejam suscetíveis de chegar a um acordo sobre as representações linguageiras dessas práticas sociais”.

Charaudeau (2016) distingue os sujeitos da comunicação entre os parceiros do ato de linguagem e os protagonistas da enunciação. Nos primeiros, são incluídos o “*Locutor-emissor* [EUC] que produz o ato de comunicação (“sujeito comunicante”)” e o “*Interlocutor-receptor* [TUi] que recebe o discurso do locutor, o interpreta e reage por seu turno (o “sujeito interpretante”)”; já nos segundos, são incluídos o “*Enunciador* [EUe] que realiza [os] papéis linguageiros intervindo ou apagando-se no discurso” e o “*Destinatário* [TUd] a quem o locutor atribui um lugar determinado, no interior de seu discurso”. Desse modo, os parceiros do ato de linguagem são “seres sociais e psicológicos, externos ao ato mas inscritos nele, e que são definidos por um certo número de traços identitários cuja pertinência depende do ato de comunicação considerado”; ao passo que os protagonistas da enunciação são “seres de fala, internos ao ato de linguagem, e que são definidos por papéis linguageiros” (CHARAUDEAU, 2016, p. 76).

¹ Tivemos acesso ao artigo de Charaudeau (2010) por meio de sua página na internet (<<http://www.patrick-charaudeau.com>>), na qual os textos não possuem numeração. Por essa razão, usamos a sigla n.p – não paginado, para indicar a ausência de paginação.

O esquema da figura 1, proposto por Charaudeau (2016) apresenta o desdobramento dos sujeitos dentro de uma situação de comunicação. Para o autor, o ato de linguagem não é o resultado da simples produção e envio de uma mensagem de um emissor (EU) a um receptor (TU), mas sim um encontro dialético entre o processo de produção (criado pelo EU em relação a um TU-destinatário) e o processo de interpretação (criado por um TU-interpretante). Nesse sentido, os parceiros do ato de linguagem desdobram-se nos protagonistas da enunciação, sob um projeto de fala.

FIGURA 1 – Situação de comunicação



(CHARAUDEAU, 2016, p. 77)

O modo de organização enunciativo, como categoria do discurso, focaliza os protagonistas da enunciação no espaço do dizer. Desse modo, nesse espaço interno ao ato de linguagem, Charaudeau (2016) localiza o sujeito falante que assume o papel de locutor em face de um interlocutor, de forma a caracterizar as relações estabelecidas nesse modo. O modo enunciativo sobrepõe-se aos modos narrativo, descritivo e argumentativo, tendo em vista que aponta para a maneira pela qual o sujeito falante age na encenação do ato de comunicação, de modo a testemunhar a posição dos sujeitos da linguagem e a posição que o locutor estabelece com seu interlocutor, tanto com o que é dito em seu discurso, quanto ao que o outro diz, ou seja, sua realidade exterior. O enunciativo possui três funções básicas: a de estabelecer uma relação de influência entre locutor e interlocutor; a de revelar o ponto de vista do locutor; e a de retomar a fala de um terceiro, em uma relação com o locutor e este tal.

Nesse modo, o sistema de modalização, que é uma categoria de língua, agrupa e ordena procedimentos linguísticos que permitem mostrar o sujeito falante em relação ao destinatário, a si e ao que ele se refere. Por meio da modalização é que

temos os atos locutivos, que são: alocutivo, elocutivo e delocutivo (CHARAUDEAU, 2016).

No comportamento alocutivo, há uma relação de força, sendo as regras linguageiras atribuídas a esse ato de duas ordens: superioridade e inferioridade, em que o locutor se coloca em uma posição em relação ao interlocutor. Na primeira ordem, o locutor usa de categorias da língua para persuadir ou obrigar o interlocutor a ter uma atitude, a partir de categorias modais de *interpelação*, de *injunção*, de *autorização*, de *aviso*, de *juízo*, de *sugestão* e de *proposta*; já na segunda ordem, o locutor faz solicitações ao seu interlocutor e usa as categorias de *interrogação* e de *petição*. Este ato é definido por meio de um pronome pessoal (tu) e o locutor enuncia sua posição em relação ao interlocutor.

No comportamento elocutivo, o interlocutor não é implicado naquilo que é dito e sim o locutor, que se posiciona em sua palavra em relação a si mesmo, para que a enunciação seja modalizada em seu discurso. Nesse ato, o locutor tem marcas do pronome pessoal: eu e nós.

Por último, temos o comportamento delocutivo que é desprendido do locutor e do interlocutor, marcando uma impessoalidade neste ato. O locutor não assume a responsabilidade do seu enunciado, ele, na verdade, se apaga e não implica diretamente ao interlocutor. O locutor vai ter uma posição de testemunha da realidade que está para além de sua verdade, pondo assim em destaque o efeito de objetividade do texto, sendo que o dito não pertence àquele a quem fala.

Esses processos enunciativos são construções ideológicas e históricas, às quais os indivíduos recorrem para manifestar e ordenar procedimentos linguístico-discursivos que demonstram posições sociais que atribuem para si e para o outro. No caso deste estudo, a posição social que analisaremos refere-se aos imaginários sociodiscursivos dos quais emergem questões em relação a gênero e à sexualidade, sobretudo, no tocante aos estereótipos sociais, à concepção de masculinidade para si e/ou para reconhecer uma posição da feminilidade.

3 Os imaginários sociodiscursivos e a representação da mulher

No ato discursivo, o sujeito é tomado pelo “desejo de inteligibilidade do mundo quanto de troca com o outro”, portanto, o *eu comunicante* idealiza o *tu destinatário* na expectativa de ser compreendido, dentro de uma situação de comunicação. Entretanto, “essa relação seria vazia de sentido se não tivesse por objeto certa visão que trazemos do mundo, isto é, o conhecimento que se tem da realidade e os julgamentos que dela se fazem” (CHARAUDEAU, 2017, p. 187). Dessa

forma, para que aconteça a comunicação, é necessário que ocorra uma *tematização*, e o sujeito assuma um “posicionamento daquele que se fala”, sendo assim, a tematização atravessa os papéis entre um *eu* e um *tu*.

De acordo com Charaudeau (2017), o sujeito não é totalmente livre para tematizar seu discurso. É possível pensar, por exemplo, na figura de um padre que, em determinada circunstância de comunicação, é indagado sobre a vivência sexual, virgindade e sexo antes do casamento; pelas circunstâncias sócio-históricas da Igreja Católica, sabemos que esta tematização será influenciada por dogmas religiosos. Mesmo que o padre possivelmente tenha outras convicções, a partir do papel, posicionamento e tematização é possível pressupor o que será dito.

A religião, o machismo, a política, a ciência fornecem *macrotemas* e conhecimentos pré-estabelecidos que, em muitas vezes, os sujeitos usam para justificar suas posições dentro do ato discursivo. Segundo Charaudeau (2017, p.203), “a significação da realidade procede de uma dupla relação: a relação que o homem mantém com a realidade por meio da sua experiência, e a que estabelece com os outros para alcançar o consenso de significação”. A posição assumida pelo sujeito e sua operacionalização do discurso não é desprendida dos funcionamentos sociais, o *eu* comunicante replica em suas vivências

No que tange à problemática das representações sociais, Charaudeau (2017) apresenta o conceito de *imaginário sociodiscursivo*. Para discutir tal conceito, o autor parte da definição de representação social como fenômeno cognitivo-discursivo geral que forma sistemas de saber, compostos pelos *saberes de conhecimento* e pelos de *crença*. Desse modo, é preciso destacar as representações sociais que compõem os imaginários sociodiscursivos, para caracterizá-los.

O autor formula a hipótese de que as representações sociais constituem *maneiras de ver* e de *julgar* o mundo, isto é, elas estabelecem modos de discriminar, de classificar e de atribuir valor, por meio de discursos que engendram saberes, com os quais são elaborados sistemas de pensamento, misturas de conhecimento, de julgamento e de afeto. Para o pesquisador, “os saberes não são categorias abstratas da mente, mas *maneiras de dizer* configuradas pela e dependentes da linguagem que ao mesmo tempo contribuem para construir sistemas de pensamento” (CHARAUDEAU, 2017, p. 197).

No tocante aos saberes, o autor os divide em saberes de conhecimento e de crenças, os quais são construídos no interior do processo de representação. Entretanto, é importante ressaltar que essa construção não é simples, uma vez que é no entrecruzamento dos discursos, na troca social que ela ocorre.

Os saberes de conhecimento são apresentados como desprendidos da subjetividade, visando a estabelecer uma verdade sobre os fenômenos do mundo. Eles partem de uma razão científica, constituída por recursos que podem ser utilizados pela coletividade ultrapassando a singularidade do indivíduo, tais como instrumentos de visualização (microscópio, luneta, telemática), sistemas de medida e cálculo (estatística, informática).

Os saberes de crença, por sua vez, pautam-se no julgamento das coisas, a partir de valores resultantes de um juízo relativo aos seres que habitam o mundo, seu pensamento e seu comportamento. Uma vez que os saberes de crença procedem de uma avaliação e que o sujeito tem a possibilidade de escolha, é certo admitir a existência de diversos julgamentos possíveis.

Nesse sentido, as representações sociais são estruturadas pelos saberes de conhecimento e de crença. Eles, ao serem ordenados, resultam nos *sistemas de pensamento*, a fim de oferecer uma explicação global sobre o mundo e o ser humano. De acordo com o autor, a Análise do Discurso contribui na reflexão acerca dos sistemas de pensamento ao localizar-se na organização dos saberes, de conhecimento e de crença, em que são delimitados as ideias e os valores:

À medida que esses saberes, como representações sociais, constroem o real como universo de significação, segundo o princípio de coerência, falaremos de “imaginários”. E tendo em vista que estes são identificados por enunciados linguageiros produzidos de diferentes formas, mas semanticamente reagrupáveis, nós os chamaremos de “imaginários discursivos”. Enfim, considerando que circulam no interior de um grupo social, instituindo-se em normas de referência por seus membros, falaremos de “imaginários sociodiscursivos”. (CHARAUDEAU, 2017, p. 203).

Conforme Charaudeau (2017, p. 204), “o imaginário social é um universo de significações fundador da identidade do grupo”, sendo investido nele um sentido de ordem verossímil, o possivelmente verdadeiro. Ele procede de uma dupla interação: do homem com o mundo, do homem com o homem. Quanto aos imaginários sociodiscursivos, o autor discorre:

Os imaginários sociodiscursivos circulam, portanto, em um espaço de interdiscursividade. Eles dão testemunho das identidades coletivas, da percepção que os indivíduos e os grupos têm dos acontecimentos, dos julgamentos que fazem de suas atividades sociais. No espaço político, por exemplo, circulam imaginários sobre o comportamento que o político deve adotar, conforme a situação em que se encontre: campanha eleitoral, alocação televisiva, debate, reunião etc., imaginários relativos aos *ethos* que ele deve construir para si em função de uma expectativa coletiva dos cidadãos, imaginários de opinião que

sustentam os programas eleitorais, as profissões de fé ou os escritos analíticos. Frequentemente, esses imaginários se sobrepõem e constroem espécies de arquétipos coletivos inconscientes. (CHARAUDEAU, 2017, p. 203).

Os imaginários não são todos conscientes, precisamos retomar repetições, circunstâncias históricas, culturais e sociais para analisar o que perpassa nas práticas cotidianas. Por essa razão, queremos destacar dois aspectos, que compõem nosso imaginário sociodiscursivo, que circundam as discussões de gênero e de sexualidade e que nos ajudarão a discutir a representação social da mulher no nosso corpus de análise.

2.1 O amor materno

Segundo Badinter (1985), há alguns séculos, houve uma revolução de mentalidades. O lugar, a importância e a imagem da mãe modificaram-se radicalmente. Após 1760, diversas publicações fizeram recomendações às mães e ali estabeleceram o mito do instinto materno de toda mãe para com o seu filho. Tal mito constitui nosso imaginário sociodiscursivo, de modo a estereotipar o papel da mulher mãe ainda hoje.

Se acionarmos os diversos construtores que começaram a girar em torno deste lugar maternal tanto naquela época quanto atualmente, encontramos muitas semelhanças. Temos, por exemplo, o construtor religioso que traz a ideia de lugar sagrado, santificado e que tem como “vocação” o cuidado; temos também o discurso, em que mãe é a mulher que cuida, que gera e que abdica dos seus desejos para cuidar de outra vida etc. Percebemos, então, uma exaltação do amor materno, sendo esse considerado um valor natural, social e, a partir de um olhar mercantil posterior, uma riqueza econômica.

Para autora, em meados do século XIX, ainda não existia um comportamento materno unificado. Questões econômicas, ambições, as classe sociais condicionavam o comportamento materno, sendo problema, imposição, necessidade e opção para umas ou nada disso para outras, ou seja, a chegada de um filho à família, é experienciada de maneiras diferentes para cada mulher.

A maternidade depois adquiriu um novo sentido, pois era a mãe também que deveria agora cuidar da educação do seu filho para formá-lo em um bom cidadão, em um bom cristão e em um homem, na busca de obter o melhor lugar no centro da sociedade, sendo a responsável pela felicidade de seu filho e também pelo destino de sua família e da sociedade. A ilustração da mãe ideal, da mãe naturalmente

devotada busca mostrar que ela vive para o prazer do filho, investindo apenas nisso em meio a uma vida sem ambição, paixão e sexualidade.

Todavia, foi na década de 1960 que houve um importante movimento feminista colocando em questão algumas concepções freudianas da feminilidade. O movimento mostrou que uma outra prática feminina era possível e desejável, depois de tanta rejeição e discriminação. Colocava-se, assim, segundo Badinter (1985) o questionamento do mito freudiano da mulher normal, passiva e masoquista e também a teoria da mãe devotada, nascida para o sacrifício, de modo a pôr em dificuldades as teorias da psicanálise e, conseqüentemente, o nascimento de uma nova conduta entre os desejos femininos e os valores dominantes.

Mudanças ocorreram, e ainda sim a maternidade causa diferentes experiências para cada mulher. Contudo, ainda se fala do instinto materno, instinto esse que se manifesta em certas mulheres e em outras não, o que não deixa de ser questionável. Sendo assim, a autora questiona e nos faz pensar sobre uma relevante pressão social em que mostra que a mulher só se pode realizar na maternidade.

Portanto, Bandinter (1985) conclui que o instinto materno é um mito e que esse amor é adicional a mulher. Verificamos que os discursos que circulam nas instituições fomentam o lugar de construção desses imaginários com fins identitários independente dos tempos, sejam eles velhos ou atuais.

2.2 Heterossexualidade compulsória

As vivências da sexualidade humana e os atravessamentos sobre os gêneros decorrem de construções sociais e históricas, que constituem lugares para os sujeitos e suas significações imaginárias, atribuindo ritos e lógicas que fornecem mecanismos discursivos e de controle sobre os corpos e desejos.

Segundo Adrienne Rich (2010), autora norte-americana que realizou estudos sobre gênero e sexualidade, a “heterossexualidade compulsória: deve ser compreendida como uma instituição que reduziu o poder das mulheres, em sociedades identificadamente masculinas. A heterossexualidade aparece como imposição institucionalizada e naturalizada que assegura modos de exploração, constituindo a feminilidade como subalterna” (RICH, 2010, p.17).

A heterossexualidade compulsória estipulou padrões e discursos em que, os desejos de homens heterossexuais são tratados como legítimos, sobrepondo discursivamente e secundarizando os desejos das mulheres, inclusive inibindo-as da vivência da vida pública. Apesar de diversos avanços nas últimas décadas através

das lutas feministas, ainda existe a disparidade social entre os direitos de gênero “as instituições nas quais as mulheres são tradicionalmente controladas – a maternidade em contexto patriarcal, a exploração econômica, a família nuclear” (RICH, 2010, p. 19).

Portanto, a heterossexualidade compulsória quando não criticada gera normatizações e institucionaliza papéis, inclusive dificulta homens de se reconhecerem como machistas. Está em jogo não só a relação com as mulheres, mas o próprio reconhecimento do que é ser homem, sendo uma matriz problemática que carece “desritualizar”, para que surjam novos modos de vivenciar as possibilidades de gênero e da sexualidade, sem opressões para aqueles que não cumprem essa obrigatoriedade histórica que definiu o que pode ou não para homens e mulheres na vivência das sexualidades.

4 Relacionamento e individualidade

Historicamente, relacionar-se com o outro² não é a tarefa mais simples e estável, para além de se posicionar no relacionamento tem que haver uma idealização para que haja endereçamento, ou seja, é necessário um desejo, a construção de um ideal para a validação da busca pelo outro. Entretanto, esse jogo não está apenas na dimensão de um “eu” dentro e um “outro” fora, mas a própria dimensão de fantasia, de projeção e expectativa é algo que interpela a construção de um “outro”. E então nos questionamos: o quão inabitual é o “relacionar-se” na contemporaneidade? Os aplicativos de relacionamentos têm provocado outras dinâmicas para os relacionamentos?

O contexto de relacionamento passa a uma esfera preliminar que é a identidade. Charaudeau (2009, p. 309) afirma que a “identidade é o que permite ao sujeito tomar consciência de sua existência”, portanto, não constituiríamos um eu se não tivéssemos um tu. Entretanto, esse outro pode ser considerado facilitador para a construção do eu, gerando referências e normativas para o “relacionar”, uma vez que o acesso ao imaginário social precisa ser intermediado por um “outro”. É importante salientar que a construção de sujeito é implicada pela identidade discursiva aparada a uma identidade social, visto que os discursos são práticas sociais.

² O conceito de Grande Outro advém da psicanálise Lacaniana e tem como função marcar que o sujeito recebe influências constitutivas histórica, ideológica e socialmente, refutando a lógica de um Eu único, original, isento de influências de um Outro e dos contextos sociais.

Dentro das práticas sociais, as vivências são postas por uma “consciência que se tem da existência do Outro” (CHARADEAU, 2009, p. 309). Para a constituição do indivíduo, é necessária a personificação do Outro como marcador de atração e rejeição. O autor apresenta o conceito de atração e de rejeição:

Paralelamente ao processo de atração, o de rejeição se dá porque a diferença percebida, mesmo sendo necessária, não deixa de ser, para o sujeito, uma ameaça. A diferença que percebo tornaria o outro superior a mim? Seria ele mais perfeito? Teria mais razão de ser do que eu? Eis porque a percepção da diferença vem acompanhada de um julgamento negativo (CHARADEAU, 2009, p.309).

É possível pensar nos conceitos de atração e de rejeição através de um efeito de contraste, o Outro serve como referência para a constituição e consciência do Eu, gerando rótulos aceitáveis ou não aceitáveis, sendo assim a emersão do que me atrai, advém de impasses sociais, uma esfera outra, que a certo ponto direciona, valida e regula os desejos possíveis e impossíveis. Para Charaudeau (2009, p. 309), a atração e a rejeição “implica a própria sobrevivência do sujeito: é como se fosse insuportável aceitar que outros valores, outras normas, outros hábitos diferentes dos meus sejam melhores, ou, simplesmente, existam”.

Para Charaudeau (2009, p. 310), “quando este julgamento endurece e se generaliza, transforma-se num estereótipo, num clichê, num preconceito. O estereótipo tem principalmente uma função de proteção, constituindo uma arma de defesa contra a ameaça que o outro, pela sua diferença, representa para o eu”. A identidade social é composta por um processo de legitimação entre pares, entretanto a mesma só é aprendida e visualizada no ato discursivo. Para o pesquisador, “identidade social tem como particularidade a necessidade de ser reconhecida pelos outros. Ela é o que confere ao sujeito seu “direito à palavra”, o que funda sua legitimidade. É necessário, então, verificar em que consiste esta legitimidade” (CHARADEAU, 2009, p. 311).

Charaudeau (2009) mostra que os papéis sociais dentro de uma determinada situação de comunicação revelam circunstâncias de produção de um discurso, que marca o sujeito historicamente e ideologicamente, produzindo uma posição social e status. Sendo assim, esta identidade pode ser reconstruída, caracterizada ou até mesmo condensada.

A partir desses fatores, é possível analisar que socialmente a figura da mulher solteira é atrativa, mas a figura da mãe-solteira é interferida por uma rejeição social, proveniente de marcadores históricos que produz sentidos e estereótipos para a figura materna. O percurso de significação histórico vem de uma projeção de ideais

que dita regras de uma hierarquização imaginária do relacionamento ideal e da mulher ideal. Aspectos que poderão ser vistos na análise proposta neste artigo.

5 Constituição do corpus

Em uma abordagem qualitativa, atemo-nos à linguística do discurso que é “orientada para a descrição dos usos e das significações sociais, com um corpus, por definição aberto, e que pressupõe um sujeito operador de categorias “sócio-discursivas” e portador de um imaginário social” (CHARAUDEAU, 2011, p. 2).

Para constituição do *corpus*, foi selecionada uma coluna de Marcelo Rubens Paiva do Jornal Estadão, intitulada *Experiência de uma mulher com filho separada no Tinder*, publicada em 16/05/2017, o conteúdo da coluna, como dissemos, baseia-se no relato de uma mulher acerca de sua experiência no Tinder ao ser identificada como mãe e solteira. Tal conteúdo passou por dois momentos de seleção. A primeira seleção foi realizada pela mulher, identificada como Fernanda, por meio da divulgação de recortes dos diálogos realizados no Tinder, em sua página pessoal no Facebook, e a segunda seleção foi realizada pelo colunista do Jornal Estadão. O total de *matches*³ foram 83, mas foram divulgados 10 trechos de diálogos na página do Estadão e neste artigo utilizamos 3 trechos para a análise.

O aplicativo Tinder é uma plataforma de relacionamentos. Para ter acesso, pode-se utilizar o Facebook, e-mail ou número de telefone. No cadastro, são solicitados o nome de usuário, endereço de e-mail e “sua melhor foto” para servir de apresentação do perfil, além de gênero e data de nascimento. Na classificação de gênero, existem as opções binárias: masculino e feminino, também a possibilidade de escolha entre o agênero, andrógenx, andrógeno, bigênero, feminino para masculino, FPM, gênero fluido, gênero não conforme, gênero em questionamento, que aparenta uma tentativa do aplicativo em ampliar os usuários da plataforma e atender a diversos públicos. Segundo Souza (2016), o Brasil está em terceiro lugar dentre os diversos países que mais usam este aplicativo.

Como estratégia de fomentação de relacionamentos e encontros, o aplicativo manuseia categorias de localização do usuário (medido por quilometragem), idade, gênero, trabalho, escolaridade (com a possibilidade de colocar a instituição de estudo). Além disso, é possível escrever uma breve biografia e mostrar suas preferências.

³ Match em tradução literal significa combine. No Tinder, a função de combinar perfis se mantém, através da combinação (gostei) é possível iniciar um diálogo.

O aplicativo apresenta-se como circunstância do ato discursivo, mas os sujeitos que ali “operam” apresentam circunstâncias discursivas e idealizações que são carregadas pelo imaginário sociodiscursivo: “o texto e um “fora do texto”, isto é, os dados presentes nas condições de produção do ato de linguagem.” (CHARADEAU, 2011, p.4).

6 Análise do corpus

6.1 O Tinder

O aplicativo Tinder tem por objetivo promover encontros e relacionamentos para seus usuários. Nesse espaço, os sujeitos assumem papéis comunicativos, relatando uma instância de possíveis identidades (carta de apresentação) e também de possíveis interesses (ideais de parceiros), então ao se cadastrar, o sujeito aceita o contrato de comunicação do aplicativo.

O contrato de comunicação do Tinder divide-se em alguns momentos: o primeiro é a descrição do perfil, no qual o usuário coloca as informações pessoais e fotos; o segundo momento é a escolha de perfis para conversar, por meio do *like* (intenção de conversar e relacionar com o outro usuário) ou *nope* (recusa do interesse) e o terceiro momento é uma caixa de conversa (*chat*) a partir do interesse comum entre os usuários, tendo em vista o *match*, isto é, a combinação dos usuários.

Classificamos o aplicativo Tinder dentro da situação de comunicação monologal. Segundo Charaudeau (2016), a *situação monologal* ocorre “quando os parceiros não estão presentes fisicamente um ao outro [...] nesse caso o locutor se encontra numa situação na qual ele não pode perceber imediatamente as reações do interlocutor” (CHARADEAU, 2016, p. 72). Dentro das categorias monologais, o Tinder contempla as indicações do autor, visto que não há presença dos parceiros, a plataforma é o aplicativo que os usuários podem usar em diferentes lugares e momentos e não precisam estar frente a frente com seus pares.

Dentro do aplicativo *Tinder*, além das marcas linguístico-discursivas, no perfil e na aba de diálogos entre os parceiros e parceiras, existem outros recursos semióticos, que apresentam significados para a comunicação dos usuários. Esses recursos são os *likes*, que é a ferramenta inicial para demonstrar interesse por um usuário do aplicativo simbolizado por um coração vermelho; o *dislike* que é a forma de dizer que não há interesse pelo outro usuário, simbolizado por um X e o *match*, que é a manifestação do aplicativo de que dois usuários demonstram interesse reciprocamente, ou seja, ambos sinalizaram com *likes*. Após os *likes*, abre-se uma caixa de diálogo entre os dois usuários, nos quais ambos podem iniciar uma

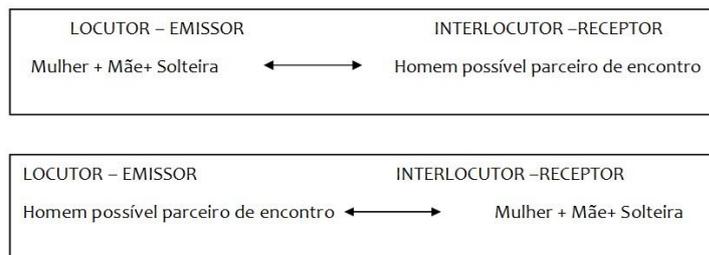
conversa, porém a comunicação por ser através de um aplicativo digital, não é possível a percepção de entonações, gestos e mímicas.

O modo de organização do discurso entre os usuários do aplicativo caracteriza-se pelo modo enunciativo, no qual se estabelece uma *relação de influência* (EU→TU). Isso significa que o perfil é criado pelo EU a partir de uma idealização de um TU. Como apresenta Charaudeau (2016), a relação se faz entre EU →TU apresenta um *ponto de vista do sujeito*, no aplicativo será a descrição do perfil e as fotos utilizadas pelos usuários que servirá como uma construção imaginária do EU para o TU. Sendo assim, os perfis funcionam “em função de sua própria identidade, da imagem que se tem de seu interlocutor e do que já foi dito” (CHARAudeau, 2016, p. 76).

6.2 Encenação enunciativa na comunicação no Tinder

O *corpus* apresenta o perfil de uma mulher, identificada como Fernanda, que no período da experiência tinha 27 anos. No perfil, havia a seguinte descrição: “Mãe. Professora. Militante. Feminista. Amor à culinária, literatura e aos amigos. Ódio ao capital e aos de coração raso”. Embora haja outros aspectos que se relacionem com representações sociais, como “professora” e “feminista”, os principais aspectos destacados nas seleções que resultaram a publicação da coluna foi o de ser “mãe” e o de ser “solteira”. Na descrição do perfil, fica explícito o fato de ser mãe “mãe, professora, militante...”, mas a condição de ser solteira está de forma implícita no perfil e se torna visível nos diálogos. Quando o marcador “mãe” aparece, são acionados alguns dispositivos de interpretação de lugares possíveis ocupados por uma mãe, que faz parte do imaginário social. Tal como afirma Charaudeau (2017, p. 213): “o imaginário é efetivamente uma imagem da realidade, mas imagem que interpreta a realidade, que a faz entrar em um universo de significação”.

A identidade linguageira e a identidade social estão interligadas, o sujeito que diz utiliza do imaginário sociodiscursivo como aparato de produção das suas intencionalidades dentro do discurso, sendo assim com a referência do Outro e da idealização do mesmo, cria-se um jogo que sustenta o *ato de comunicação*. Para que ocorra o ato de comunicação, são necessários os parceiros do ato que, no espaço do dizer, desdobram-se nos protagonistas da enunciação. Tais parceiros, conforme Charaudeau (2016, p.76), são seres *sociais* e *psicológicos*, inscritos no ato de linguagem, que possuem traços identitários conforme o ato de comunicação, o que nos leva a identificar os seguintes quadros, a partir do *corpus*:



Fonte: os autores

A fim de organizarmos a análise e marcar o enunciado da mulher e do homem como seres sociais e psicológicos que possuem uma identidade social e tomam no espaço do dizer uma identidade discursiva, identificaremos a mulher como L1 e os homens como L2, L3 e L4.

Charaudeau (2016, p.82) afirma que, no modo enunciativo, há “uma relação de influência entre locutor e interlocutor num comportamento alocutivo, revela o *ponto de vista* do locutor, num comportamento elocutivo e retoma a fala de um terceiro, num comportamento delocutivo”, o que podemos verificar na relação estabelecida pelos usuários do aplicativo no Tinder. Na descrição do perfil da mulher, analisamos um marcador que ela expõe em seu perfil: “Mãe”, que é uma posição assumida por ela, que implica ações para seus interlocutores, nos atos locutivos. Recortamos três desses diálogos⁴, mostrados a seguir, para apresentar essa relação:

Figura 3 – Diálogos Tinder

⁴ Os diálogos foram recortados tais como foram publicados, sem realização de adequação gramatical.

DIÁLOGO 1
 8 RENAN, 26 ANOS:
 L2- MAS VC FOI IRRESPONSÁVEL
 L1- FOMOS UM POUCO, MAS LEVO UMA VIDA NORMAL.
 L2- E VC CRIA SEU FILHO SEM PAI?
 L1- NÃO, MEU FILHO TEM UM PAI, QUE AMA MUITO ELE.
 NÃO ENTENDI A COLOCAÇÃO.
 L2- ALEM DE MÃE E BURRA KKKKKKK
 L1- BURRA? ALÉM DE MÃE? PORQUE? TU TEM PROBLEMAS?
 L2- PROBLEMA TEM TU Q TEM FILHO E FICA NO TINDER CATANDO OUTRA BARRIGA FEMINISTA SUJA PROFESSOR AINDA KKKKKKKKKKKKKKKKK

DIÁLOGO 2
 6 MARCOS, 27 ANOS:
 L3- MAS PRIORIZEI OUTRAS COISAS NA MINHA VIDA
 L1- COMO ASSIM? TEMOS A MESMA IDADE E TU TBM É PAI
 L3- SOU PQ MINHA EX QUIS. ACHO Q ELA E VC N SÃO IGUAIS
 L1- COMO ASSIM?
 L3- VIM MORAR NO SUL PRA FUGIR DELA
 L1- E DO TEU FILHO?
 L3- TBM. ELA ENGRAVIDOU DE GOSTO
 L1- HMMM. QUANTOS ANOS VCS TINHAM?
 L3- ELA 17 E EU 26
 L1- TU RECÉM FOI PAI ENTÃO?
 L3- AHAN
 L1- MEU, TU É QUASE 10 ANOS MAIS VELHO QUE ELA. ACHO Q ELA N QUERIA ENGRAVIDAR E TER UM FILHO SOZINHA EM SP
 L3- MAS ELA N SE CUIDOU N TENHO MUITO A VER COM ISSO
 L1 (COMBINAÇÃO DESFEITA POR MIM, POR MOTIVOS ÓBVIOS)

DIÁLOGO 3
 10 ELTON, 29 ANOS:
 L4-... EU CONCORDO COM ESSES CARAS NAVERDADE
 L1- TU CONCORDA COM OS ABSURDOS QUE DISSE QUE JÁ OUVI POR SER MÃE?
 L4- UÉ, VC FICOU SOLTEIRA PQ QUIS E PARECE ESPERTA
 L1- E???
 L4- E QUE TODO MUNDO SABE Q NGM LEVA A SÉRIO MULHER COM FILHO
 L1- POR QUE?
 L4- P Q SE JA TEVE FILHO E TA SOLTEIRA BOA COISA N É
 L1- ENTÃO TODAS AS MULHERES DIVORCIADAS SÃO PÉSSIMAS PESSOAS E PÉSSIMAS MÃES? E AS QUE SÃO MÃES SOLO PORQUE O CARA FUGIU?
 L4- N. MINHA MÃE TBM SE DIVORCIOU QUANDO EU ERA CRIANÇÁ PQ MEU PAI BATIA NELA
 L1- ELA FOI UMA MÃE RUIM?
 L4- N NÉ MINHA CORA É MINHA VIDA
 L1- QUANTOS ANOS ELA TINHA QUANDO ISSO ACONTECEU?
 L4- ELA TINHA 26 E EU 5
 L1- EU E SUA MÃE FOMOS MÃES COM A MESMA IDADE E NOS SEPARAMOS TAMBÉM COM QUASE A MESMA IDADE HEHEHE
 L1 (MATCH DESFEITO, POR ELE)

DISPONÍVEL EM:
 <[HTTPS://CULTURA.ESTADAO.COM.BR/BLOGS/MARCELO-RUBENS-PAIVA/EXPERIENCIA-DE-UMA-MULHER-COM-FILHO-SEPARADA-NO-TINDER/](https://cultura.estadao.com.br/blogs/marcelo-rubens-paiva/experiencia-de-uma-mulher-com-filho-separada-no-tinder/)>. ACESSO EM: 24 SET. 2019.

Fonte: Paiva (2017)

Nos diálogos, verificamos um ato *elocutivo*, no qual o L1, representado pela mulher, mãe e solteira, emite seu ponto de vista, em algumas falas, marcado pelo uso da primeira pessoa (“fomos”; “levo”; meu”). Como podemos observar nos destaques do recorte a seguir.

Figura 4 – Recorte Diálogo 1

DIÁLOGO 1
L2- MAS VC FOI IRRESPONSÁVEL
L1-FOMOS UM POUCO, MAS LEVO UMA VIDA NORMAL.
L2-E VC CRIA SEU FILHO SEM PAI?
L1- NÃO, MEU FILHO TEM UM PAI, QUE AMA MUITO ELE. NÃO ENTENDI A COLOCAÇÃO.
L2- ALEM DE MÃE E BURRA KKKKKKK
L1-BURRA? ALÉM DE MÃE? PORQUE? TU TEM PROBLEMAS?
L2- PROBLEMA TEM TU Q TEM FILHO E FICA NO TINDER CATANDO OUTRA BARRIGA FEMINISTA SUJA PROFESSOR AINDA KKKKKKKKKKKKKKKKK

Fonte: Paiva (2017)

No trecho: “meu filho tem um pai, que ama muito ele”, L1 faz algumas constatações, segundo Charaudeau (2016), apesar de ela ter a paternidade de seu filho como resolvida, tendo como objetivo a busca de um parceiro no aplicativo, L2, assim como os demais, constrói o sentido de que a busca era de um pai para seu filho. Tal questão remete aos estereótipos que remetem à sua figura maternal e ao não reconhecimento de sua sexualidade.

De acordo com Badinter (1985), são as funções e os valores dominantes de uma sociedade que determina os papéis inerentes ao pai, à mãe e ao filho. Quando

a ideologia ressalta apenas o homem-pai, isso lhe dá poderes e a mãe passa a ser segundo plano, a viver à sombra como o filho.

Voltando-se para a análise acima, a mulher estava na busca de um parceiro e foi discriminada por ser mãe e por L2 ter pensando que ela estava na busca de um pai para seu filho. Essa reação do homem em relação à mulher está enraizada no imaginário sociodiscursivo, em que se busca as prerrogativas do sexo masculino e a dependência do sexo feminino. Segundo a autora, a mãe nos tempos passados dedicava a sua vida aos filhos e era devotada a eles, sem pensar nos seus desejos, paixões, sexualidade, ou seja, em si própria. Notamos, assim, pelo enunciado de L2, uma visão da maternidade ainda dessa forma e na dependência de um homem, ou seja, presume que a mulher não dá conta sozinha.

Já no diálogo 2, no enunciado “[...] acho q ela n queria engravidar e ter um filho sozinha em SP”, verificamos o papel do L1 que é testemunha de um “saber” ou de uma “ignorância”, que este dá uma informação pressuposta, então vemos uma modalidade do Saber que “é reconhecida em sua verdade pelo locutor” (CHARAUDEAU, 2016, p.92), tendo aqui uma configuração explícita. Ao mesmo tempo, o locutor nesta situação “explicita a posição que o fato ou a informação ocupam em seu universo de crenças. Assim, o locutor avalia a verdade de seu propósito e, ao mesmo tempo, revela qual é o seu ponto de vista” (CHARAUDEAU, 2016, p.92). Vejamos o recorte da interação:

Figura 5 – Recorte Diálogo 2

DIÁLOGO 2
L3-MAS PRIORIZEI OUTRAS COISAS NA MINHA VIDA
L1-COMO ASSIM? TEMOS A MESMA IDADE E TU TBM É PAI
L3-SOU PQ MINHA EX QUIS. ACHO Q ELA E VC N SÃO IGUAIS
L1-COMO ASSIM?
L3-VIM MORAR NO SUL PRA FUGIR DELA
L1-E DO TEU FILHO?
L3-TBM. ELA ENGRAVIDOU DE GOSTO
L1-HMMM. QUANTOS ANOS VCS TINHAM?
L3-ELA 17 E EU 26
L1-TU RECÉM FOI PAI ENTÃO?
L3-AHAN
L1-MEU, TU É QUASE 10 ANOS MAIS VELHO QUE ELA. ACHO Q ELA N QUERIA ENGRAVIDAR
E TER UM FILHO SOZINHA EM SP
L3-MAS ELA N SE CUIDOU N TENHO MUITO A VER COM ISSO
L1(COMBINAÇÃO DESFEITA POR MIM, POR MOTIVOS ÓBVIOS)

Fonte: Paiva (2017)

A opinião pode ser identificada em duas atitudes de crença: a convicção e a suposição. Sendo assim, em “[...]Acho q ela n queria engravidar e ter um filho sozinha em SP”, vemos que L1 faz uma suposição, ou seja, “implica dúvida, e o locutor exprime seu ponto de vista quanto ao grau de certeza de validade de propósito” (CHARAUDEAU, 2016, p.92).

Além disso, há uma apreciação no enunciado de L1, pois, ao assumir o papel de locutor, expõe qual é o seu sentimento, e passa a fazer uma avaliação não mais da verdade do propósito e sim de um valor que revele seus próprios sentimentos. Nesse caso, há uma afetividade, pois se percebe que L1 tem empatia pela outra mulher a quem L3 se refere, por talvez já ter vivenciado coisas semelhantes a ela.

Vemos, então que L3 apresenta, por meio do seu ponto de vista sobre o mundo, a posição de respostas a determinados marcadores, que remetem à repulsa à maternidade no aplicativo de relacionamento. A mulher que apresenta o marcador mãe forja o insuportável para esses homens.

A partir do ponto de vista do *modo de saber* dos homens retratados nesses diálogos, podemos perceber marcas do machismo e a visão distorcida do lugar materno; lugar esse projetado por homens e que cria impasses para que mulheres vivenciem seus desejos, um conluio entre patriarcado, machismo e conservadorismo que revelam marcas históricas do imaginário sociodiscursivo que compõe o discurso do homem.

Também verificamos alguns ditos que se encaixam no modo *alocutivo*, quando L1 exprime sua opinião implicada ao interlocutor e conseqüentemente impondo-lhe uma relação de influência. Dessa forma, o sujeito falante pode ter dois tipos de relação com o seu interlocutor, sendo elas: superioridade e inferioridade. A primeira, de acordo com Charaudeau (2016), configura uma relação de força em que o locutor determina ao interlocutor a execução de um dizer e de uma ação; e a segunda, o locutor faz um pedido ao interlocutor assumindo a postura de alguém que precisa do saber do outro.

No diálogo a seguir, vemos que o locutor (L1) impôs ao seu interlocutor (L4) um dizer e até mesmo uma ação, destacando principalmente no trecho do diálogo: “L4: Minha cora, é minha vida/ L1: Quantos anos ela tinha quando isso aconteceu? / L4: Ela tinha 26 e eu 5/ L1: Eu e sua mãe fomos mães com a mesma idade e nos separamos também com quase a mesma idade hehehe/ (match desfeito, por ele)”.

Figura 6 – Recorte Diálogo 3

DIÁLOGO 3
 L4-... EU CONCORDO COM ESSES CARAS NA VERDADE
 L1-TU CONCORDA COM OS ABSURDOS QUE DISSE QUE JÁ OUVI POR SER MÃE?
 L4-UÉ, VC FICOU SOLTEIRA PQ QUIS E PARECE ESPERTA
 L1-E???
 L4- E QUE TODO MUNDO SABE Q NGM LEVA A SÉRIO MULHER COM FILHO
 L1- POR QUE?
 L4- P Q SE JA TEVE FILHO E TA SOLTEIRA BOA COISA N É
 L1- ENTÃO TODAS AS MULHERES DIVORCIADAS SÃO PÉSSIMAS PESSOAS E PÉSSIMAS MÃES? E AS QUE SÃO MÃES SOLO PORQUE O CARA FUGIU?
 L4-N. MINHA MÃE TBM SE DIVORCIOU QUANDO EU ERA CRIANÃ PQ MEU PAI BATIA NELA
 L1-ELA FOI UMA MÃE RUIM?
 L4-N NÉ MINHA CORA É MINHA VIDA
 L1-QUANTOS ANOS ELA TINHA QUANDO ISSO ACONTECEU?
 L4-ELA TINHA 26 E EU 5
 L1-EU E SUA MÃE FOMOS MÃES COM A MESMA IDADE E NOS SEPARAMOS TAMBÉM COM QUASE A MESMA IDADE HEHEHE
 L1(MATCH DESFEITO, POR ELE)

Fonte: Paiva (2017)

Nesse trecho, vemos que o locutor (L1) fez com que o interlocutor (L4) tivesse uma reação, quando ele desfaz o *match* e, além disso, podemos perceber que há uma modalidade de interpelação em que espera que o interlocutor aja, reconhecendo-se na identificação, e quanto ao interlocutor, ele vê-se obrigado a manifestar sua presença.

Também nesse mesmo trecho do diálogo, podemos perceber que há o uso da modalidade de sugestão, em que o locutor sabe ou supõe que o interlocutor está numa posição desfavorável e atribui a si um regulamento de saber, baseado mais ou menos na experiência. Vemos isso, quando L1 faz a comparação entre ela e a mãe do L4, na intenção de fazê-lo refletir sobre a opinião emitida por ele.

Em relação ao modo *delocutivo*, não verificamos nenhuma marca, pois o locutor e o interlocutor nesse modo são apagados das configurações linguísticas, não estão presentes no ato da enunciação e apresentam-se de maneira impessoal, ou seja, a enunciação existe por si própria, pois ambos não evidenciam sua posição. O locutor é responsável pela sua fala, porém a configuração linguística faz com que ele não seja. Observando os diálogos recortados, vemos que o locutor e o interlocutor estão presentes no ato da enunciação, na troca de fala nos diálogos, ou seja, eles não são ocultados e falam na primeira pessoa, dessa forma, este modo não se aplica a estes diálogos.

Portanto, entendemos que o modo enunciativo de organização do discurso perpassa por diversos textos e possui finalidades distintas, sendo a encenação discursiva um jogo protagonizado por um locutor e um interlocutor, ainda que no modo *delocutivo* esse locutor desapareça e deixa o discurso falar por si. Há uma troca de comunicação, que implica, além da fala, mais conceitos sociais, afetividade, saber, relações, dentre outros.

6.3 Mãe: anulação da mulher?

Para analisar o lugar de mãe, é importante considerar dois aspectos. O primeiro, a posição social e o segundo, o lugar do sujeito mulher mãe. Dentro da esfera social, alguns representantes projetam na mulher o ideal de mãe, e assim criam-se marcadores aceitáveis ou não, para exemplificação, algumas questões: uma mãe pode deixar o filho em casa e ir para uma festa? Uma mãe pode ter diferentes parceiros sexuais? Uma mãe pode fazer uso de bebidas?

Ao mesmo tempo em que essas questões “aparentam” ser de uma instância de escolha individual, também temos projeções sociais para responder a elas, que fazem parte do imaginário sociodiscursivo e que são construídas no interior do discurso religioso, científico e moral e em outras instâncias. Tal como discutido por Bandinter (1985).

Para as questões apresentadas, talvez, muitos responderia que “não”, ou seja, a posição social da mulher mãe ainda é construída na lógica social, e muitas vezes essas representações sugerem que a mulher deve reprimir seus desejos, renunciar em prol da maternidade. Essa questão fica marcada nos enunciados dos homens (L2, L3 e L4).

Para entendimento do lugar de sujeito, é preciso ir além da função identitária, a mulher não é só mãe, só filha, só professora e feminista, mas estas categorias são alguns marcadores e traços “escolhidos” por esse sujeito. Então, a maternidade é um não-todo da mulher, ou seja, ela não fecha uma posição que supri todas as outras, a mulher pode frequentar diversos campos para além da posição da maternidade, inclusive se reconhecer como mulher desejante.

Essas construções sociais advêm de um papel heterocêntrico, no qual, historicamente o homem ocupou um papel de sobreposição as mulheres, secundarizando os desejos das mulheres, inclusive inibindo-as da vivência da vida pública, apesar de diversos avanços nas últimas décadas através das lutas feministas, ainda existe a disparidade social entre os direitos de gênero.

7 Considerações finais

A análise, realizada a partir do modo enunciativo, permite verificar que o Tinder apresenta em seu bojo questões “comuns” à lógica social. Os representantes binários, machistas, conservadores dos diversos relacionamentos não sofrem novas versões dentro do aplicativo. O lugar da mulher que é mãe, solteira e feminista se torna um lugar de incômodo para homens que não repensaram nem sua posição dentro da masculinidade nem os lugares aceitáveis e inaceitáveis dentro do imaginário sociodiscursivo.

Há de se destacar que, apesar dos avanços da inserção das mulheres na sociedade e de sua autonomia, os estereótipos e preconceitos em torno do papel da mulher, em que a maternidade é idealizada, de modo a negar a sua sexualidade e a condenar as mulheres que são solteiras, ainda persistem.

Quando analisamos a forma de se relacionar, são os imaginários sociodiscursivos que referenciam como a cultura de determinado local válida e

invalida as projeções e encenações para que os encontros aconteçam, inclusive, temos o marcador histórico que demonstram que alguns estereótipos e crenças não são inaugurais na contemporaneidade, já fazem parte de constructos sociais de um longo período histórico, a figura da mãe solteira dentro da cultura brasileira sofreu marginalizações promovidas por ideais moralistas, religiosas e machistas.

Este trabalho buscou analisar a representação social da mulher em algumas conversas no aplicativo de relacionamento Tinder, a partir de categorias do modo enunciativo e de imaginários sociodiscursivos. De acordo com a análise, as mulheres são representadas por estereótipos constituintes do nosso imaginário sociodiscursivo, de modo a colocar em conflito seu papel como mãe e como mulher perante relacionamentos afetivos. A representação da mulher na amostra retirada do aplicativo Tinder é marcada pelo estereótipo da mulher-mãe que não pode usufruir de seus desejos, sexualidade e deve se dedicar ao seu instinto materno. Essa visão é marcada pelo posicionamento do interlocutor do sexo masculino, que coloca a mulher em um lugar de dependência, de repulsa e de inferioridade.

REFERÊNCIAS

BADINTER, E. B. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Tradução de: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso: modos de organização**. Tradução de: Angela M. S. Corrêa & Ida Lúcia Machado. 2. ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

_____. **Discurso Político**. Tradução Fabiana Kamesu e Dilson Ferreira da Cruz. 2ªed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

_____. Dize-me qual é teu corpus, eu te direi qual é a tua problemática. **Diadorim**: Revista de Estudos Linguísticos e Literários, [S.l.], v. 10, dez. 2011.

_____. Um modelo sócio-comunicacional do discurso: entre situação de comunicação e estratégias de individualização. In: STAFUZZA, Grenissa e PAULA, Luciane de (org.) **Da análise do discurso no Brasil à análise do discurso do Brasil**, Uberlândia: Edufu, 2010. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Um-modelo-socio-comunicacional-do.html>. Acesso em: 13 abr. 2020.

_____. Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional. In: PIETROLUONGO, Márcia. (Org.) **O trabalho da tradução**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009, p. 309-326.

_____. **Linguagem e discurso: modos de organização**. 2. ed. São Paulo, SP: Contexto, 2016.

PAIVA, M. R. Experiência de uma mulher separada com filho no Tinder. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 16 mai. 2017. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/blogs/marcelo-rubens-paiva/experiencia-de-uma-mulher-com-filho-separada-no-tinder/>. Acesso em: 27 de Jun. 2019.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas**: estudos gays, gêneros e sexualidades. Natal: v. 4, n. 5, jan./jun. 2010, p. 17.

SOUZA, A. L. F. Mas, afinal, o que é o Tinder? - Um estudo sobre a percepção que os usuários têm do aplicativo. **Verso e Reverso** (Unisinos. Online), v. 30, p. 186-195, 2016.



SOCIO-DISCURSIVE IMAGINARY AND THE ENUNCIATIVE MODE IN THE DIALOGUES OF A WOMAN ON TINDER

ABSTRACT:

This article is based on Discourse Analysis, from the perspective of Patrick Charaudeau, having as main objective to analyze how the social representation of women was revealed in the Tinder relationship application, through the categories of enunciative mode and socio-discursive imaginary. For the analysis, we constituted the corpus with the text “Experience of a woman with a child separated on Tinder”, by Marcelo Rubens Paiva. We verified in the Tinder application women are represented by stereotypes constituents of our socio-discursive imaginary, in order to put conflict with their role as a mother and as a woman faced with affective relationships.

KEYWORDS:

Socio-discursive
imaginary;
Tinder;
Discursive Production;
Stereotype;
Woman.